

Nina Caro, uma mulher de destaque

Anita Brumer/Ieda Gutfreind

This text offers a closer look on the personal environment of Herbert Caro, especially in regard to the role of his wife Nina Caro.

Keywords: Nina Caro; Herbert Caro; Jewish History

Nina foi a companheira de Herbert, até a morte dele, em 23 de março de 1991. Ambos nasceram em 1906 e completaram em 2006 o centenário de seu nascimento. Diz o ditado que por traz de um grande homem existe uma grande mulher. Acreditamos que este seja o caso de Nina e Herbert Caro. Nina foi uma mulher que se destacou, em vários sentidos. Em primeiro lugar, por ter concluído um curso superior e ser ativa no mercado de trabalho, o que era raro entre mulheres de sua época. Em segundo lugar, por ter sido uma efetiva companheira do marido, participando de muitas de suas atividades culturais e sociais. Uma delas, comentada por todos os depoentes, refere-se à participação de Nina, quando das palestras proferidas por Herbert. Na maior parte das vezes, os temas referiam-se à arte, ficando o recurso visual sob sua responsabilidade. Com o auxílio do epidiascópio, um modelo antigo já utilizado na década de 1920, Nina obedecia ao comando de Herbert que, com uma “varinha”, batia na mesa, dando o sinal para a projeção da figura. Para uma depoente: “ (...) era uma coisa muito bonita os dois naquele trabalho conjunto” (ABER). Enquanto que para outros, quando o esquema não funcionava, “ (...) o Herbert ficava nervoso, porque ele queria mostrar o retrato na hora e...então, as vezes ela não conseguia retratar o que ele queria e ele ficava muito nervoso e ela também (...) ” (K. OLIVEN). Na aparência Nina desempenhava um papel secundário, em realidade “ (...) nas palestras dele, ela projetava imagens de livros e coisas escritas que acompanhavam a palestra dele. Sem essas ilustrações que ela projetava, a palestra sobre obras de um artista ou a vida de uma pessoa conhecida ia ser muito seca, muito teórica; com a projeção que ela fazia a palestra tornava-se mais viva”. (S. OLIVEN).

Privilegiamos o relato da vida de Nina Caro, com base em sua entrevista concedida ao *Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, da qual seu marido também participou¹, bem como dos depoimentos coletados entre judeus de origem alemã e polonesa² e colegas do *Instituto Goethe*.³ Com o destaque dado à vida de sua esposa e companheira, Nina Caro, neste trabalho, prestamos uma dupla homenagem a Herbert Caro e também chamamos a atenção para a complementaridade de origem, formação, idéias e relações sociais entre o casal, destacando a importância de sua

Anita Brumer: Professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Bolsista 1A do CNPq, Vice-Presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. e-mail: anita@orion.ufrgs.br.

Ieda Gutfreind: Historiadora, professora aposentada da UFRGS e UNISINOS, Presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Rua: Gen. João Telles, 329; 90035-121, Porto Alegre, RS Fax: (051) 33 31 14 76; Tel: (51) 33 31 14 76; e-mail: iedagu@portoweb.com.br

participação na vida do marido.

O relato da vida de Nina Caro permite explorar a idéia de que os acontecimentos (conjuntura) geram situações de ruptura, que provocam mudanças, das quais muitas dependem de escolhas dos indivíduos. Sendo judia na Europa, numa época em que grassava o anti-semitismo, a vida de Nina foi marcada por várias rupturas, até sua chegada ao Brasil.

Nina Zabludovski Caro nasceu em Bialistok (que na ocasião era parte da Rússia e posteriormente passou a fazer parte da Polônia), em 29 de março de 1906. Era filha única de Henrich e Regina Zabludowski, primos em segundo grau, com o mesmo sobrenome. Sua mãe nasceu em Varsóvia, Polônia, onde concluiu o curso secundário e estudou música e fotografia. Seu pai estudou numa universidade da Letônia, em língua alemã.

Em 1910, a família migrou para a Alemanha, estabelecendo-se em Berlim, movidos, por um lado, pela busca de atendimento médico para o pai e, por outro, por medo de *pogroms*.⁴ Como o pai era bem relacionado na cidade em que vivia, foi avisado por um agente da polícia de que haveria um *pogrom* em Bialystock, recomendando-lhe sair da cidade por algum tempo, com sua família.

De acordo com Nina, “na Rússia, os judeus só podiam viver em certos lugares, mas meus pais podiam ir a qualquer parte, pois ele era um *Ehrenbürger*”. Em Bialystok o pai tinha como atividade econômica a exportação de madeira (lenha); em Berlim tornou-se comerciante, estabelecendo-se com uma loja atacadista de lâmpadas.

Embora a família fosse rica e bem posicionada na Polônia, ao eclodir a Primeira Guerra Mundial, em 1914, vivendo na Alemanha, seus membros passaram a ser considerados como estrangeiros. Devido a isso, Nina não podia estudar numa escola pública, devendo fazê-lo numa escola privada. Ela realizou estudos universitários, inicialmente em Berlim (onde foi orientada por Max Hermann que, por ser judeu, após a ascensão de Hitler na Alemanha, foi enviado para o campo de concentração de *Theresienstadt*, onde morreu); posteriormente, estudou em Colônia, Genebra e Danzig.⁶ Nesta última cidade, concluiu o doutorado em Germanística, com especialização em Arte Dramática,⁷ em 1933. O curso de Arte Dramática abria perspectivas de trabalho em direção e crítica de teatro, em jornais, opção que lhe interessava, pois não pretendia ser atriz. Trabalhou como leitora e avaliadora de peças de teatro, com seu posterior encaminhamento para a Diretoria do teatro e na redação de programas (cadernos com artigos) em teatros europeus.

A ascensão de Hitler como chanceler da Alemanha, em 1933, provocou importantes rupturas na vida de Nina e Herbert Caro.

Nina e Herbert conheceram-se em janeiro de 1935, num encontro pitoresco: depois de um jantar em casa de amigos comuns, Nina foi dar uma carona a Herbert e o pneu do carro furou, o que lhes deu oportunidade de conversar por algumas horas. Em seu depoimento, Herbert relata o fato com humor, dizendo: “destinos humanos dependem de um pneu estourado. A gente nunca teria se encontrado sem isso”. Herbert Caro havia deixado a Alemanha, em 1933, quando os primeiros éditos nazistas proibiram-no de exercer a profissão de advogado e ele também foi excluído da delegação alemã de tênis de mesa, indo tentar instalar-se na França, o que não teve sucesso,⁸ levando-o a retornar a Berlim.

O namoro e o noivado ocorreram em pouco tempo, uma vez que Herbert estava decidido a sair da Alemanha e Nina aceitou acompanhá-lo. Herbert deixou seu pais

natal em 12 de abril e Nina seguiu-o alguns meses depois. O casamento ocorreu em Porto Alegre, logo após a chegada de Nina, no final de 1935.

Nem os pais de Nina nem os de Herbert aprovaram a decisão dos filhos de vir para o Brasil. O pai de Nina achava que não haveria guerra e que todos poderiam ir para a Polônia. O pai de Herbert disse a Nina: - “Por que tu vais para o Brasil? Vá para a Polônia. Lá poderás administrar os imóveis [de teu pai] e não precisarás trabalhar o resto da vida”.

A vinda de Nina e Herbert Caro para o Brasil provocou nova ruptura, desta vez na família de Nina: em julho de 1939, dois meses antes do início da Segunda Guerra Mundial, seu pai retornou a Bialystok, pois não acreditava que haveria guerra e não queria abandonar seus bens; sua mãe conseguiu sair da Alemanha através da Itália, vindo encontrar sua filha e seu genro em Porto Alegre. Quando começou a guerra, o pai de Nina não conseguiu mais sair da Polônia e é provável que tenha sido uma vítima do Holocausto, junto com outras 42 pessoas da família de Nina, entre tios e primos. Os pais de Herbert decidiram imigrar para o Brasil depois da *Noite dos Cristais*.⁹ Herbert Caro explica: “a imigração da geração dos pais foi posterior a da geração dos mais jovens. Os mais velhos não queriam sair. Sabiam que aqui não poderiam ganhar a vida e tinham ainda alguns bens que os nazistas não tinham confiscado; ficaram [lá] até a vida se tornar completamente insuportável”.

Duas dificuldades importantes colocavam-se para o imigrante: aprender a língua falada no país de adoção e encontrar trabalho. Em ambos os casos, Herbert e Nina tinham experiências em parte distintas e traçaram caminhos diferentes. Os dois conheciam vários idiomas, entre os quais alemão, inglês e francês; Herbert sabia ainda latim e grego e Nina tinha alguns conhecimentos de espanhol. Herbert, durante os três meses entre o recebimento da carta-convite que lhe permitia vir para o Brasil e a data da viagem, estudou português em Berlim, com uma professora particular, teuto-brasileira, que tinha poucos conhecimentos da língua e falava com forte sotaque germânico. Além das aulas, ele estudou como autodidata, procurando palavras e seus significados num dicionário. Quando embarcou no navio, já tinha um vocabulário de mais ou menos três mil palavras em português e desde o primeiro dia em Porto Alegre conseguia ler, com alguma dificuldade, o jornal *Correio do Povo*, embora não entendesse o que as pessoas falavam porque seu ouvido não estava acostumado. Nina tinha amigos na Alemanha que falavam a língua espanhola, e ela a havia aprendido com eles, o que a ajudou no aprendizado de português.

Quanto ao trabalho, Herbert era graduado em direito e estudou Letras na França, durante dois anos, o que o habilitou para a área do ensino de línguas e tradução. Sua mãe era cantora e seu apartamento era freqüentado por músicos, o que lhe permitiu vivenciar a prática da música em seu cotidiano.

Nina, por sua vez, tinha um diploma de professora e antes de sair da Alemanha fez alguns cursos de artesanato com couro, vidro e papelão. Mas não teve sucesso na atividade de artesã, uma vez que não conseguia vender seus produtos. Conseguiu um emprego de meio turno da *Livraria do Globo*, onde foi colaboradora de Gilda Marinho na seção *A Mulher e o Lar*, e no outro turno dava aulas particulares de alemão, inglês e francês. Nina deu aulas de português para imigrantes judeus-alemães, recém chegados em Porto Alegre. Mais adiante começou a lecionar alemão no *Instituto Goethe*, onde dava aulas nos currículos básico e médio e também para cursos mais avançados. Manteve uma roda de conversação com senhoras de mais idade, seguindo com essa atividade, mesmo após a morte do marido. Para uma depoente: “(...). nem sei quem eram aquelas senhoras, mas elas vinham

regularmente, nenhuma delas teria saído da aula dela por nada nesse mundo, porque como a dona Nina também era muito culta, todos os assuntos eram assuntos em que ela podia ajudar; eram senhoras que já falavam bem o alemão” (BRAAZ). Aqueles que privaram da intimidade dos Caro recordam que, “(...)”. A Nina trabalhava e ganhava muito bem com as aulas, enquanto o Herbert não ganhava muito. A tradução não era negócio, era mais um hobby, porque não rendia. Se ele consultava uma ou duas palavras um dia inteiro, não rendia, porque [seu trabalho] era pago por página. Então, ele não fazia muito dinheiro; Nina ganhava muito mais...” (S. OLIVEN).

Adicionalmente ao ensino de línguas, Nina foi incentivada pela mãe de dois alunos particulares, que assistia a suas aulas, a escrever um livro didático sobre o ensino da língua alemã, *Aprende brincando, criança!*, publicado pela *Editora da Livraria do Globo*. Seguiram-se as publicações de outros livros didáticos, em português e em alemão:

Aprende brincando a contar!

Mostre o que sabe!

Jogos, Passatempos e Habilidades (Editora Globo)

Lachen und Lernen (Editora Sulina)

Raten Sie mal!! (Ernst Klett Verlag, Stuttgart)

Alguns desses livros, sob a forma de charadas, enigmas, problemas e adivinhações, com vários joguinhos referentes a adjetivos, advérbios, substantivos, numerais, facilitavam o aprendizado do alemão, tanto por crianças, como por adultos. Uma colega, professora do *Instituto Goethe*, recorda que os livros didáticos que usavam no final da década de 1960 e nos anos 1970 eram livros sérios, clássicos; nesse sentido, as obras de Nina Caro expressam um outro método de aprendizagem – um processo lúdico, mas que exige raciocínio, o estabelecimento de relações e a descoberta pessoal. Para sua colega, “(...) no ensino do alemão ela foi muito à frente no seu tempo” (BRAAZ).

Embora fosse uma intelectual competente, avançada para sua época, Nina Caro não transgrediu os limites da divisão sexual do trabalho e do poder vigentes na sociedade. Seu trabalho concentrou-se em atividades de ensino e, quando trabalhou na *Livraria do Globo*, envolveu-se em assuntos voltados a mulheres. Ao mesmo tempo, pelo menos em público, mantinha uma atitude de respeito e uma relativa submissão ao marido. É isso que revela a jovem que entrevistou o casal em 1988:

A entrevista foi interrompida por duas vezes devido à interferência do Dr. Caro: a primeira vez por iniciativa dele e a outra por solicitação da própria entrevistada. Nestas duas ocasiões, enquanto ele falava, ela se manteve absolutamente quieta, como se valorizasse unicamente as lembranças do marido (anotação de Ivone Herz Berdichevski, à entrevista concedida por Nina Caro em 20/07/1988).

Submissão aparente, exteriorizada, porém ciente de suas capacidades, se não superioridade em vários aspectos ou, no mínimo, consciência da sua igualdade em relação ao marido. Sua formação germânica lhe oferecera modelos e sua condição de gênero lhe incitava a mostrar-se desta forma. Seu marido tinha carteira de motorista, mas não dirigia, ou melhor, era Nina quem ‘estava’ no volante, orientando inclusive

as mudanças de câmbio. Nina reagia em aparente placidez diante da vida, seguia em baixa velocidade; velocidade/ ritmo era ela quem dava.

Em depoimento, identificamos a cumplicidade de Nina e Herbert e o comportamento de Nina; segundo uma colega, o casal se bastava e se completava:

[...] os dois - ele e dona Nina - eram duas pessoas muito unidas, a gente sentia isso e pela história deles isso também se explicava. A história que não foi muito fácil. Passar por tudo que eles passaram, mas eles eram muito gratos por estarem no Brasil, por poderem trabalhar e trabalhar com essa língua que ainda era a língua deles. O que eu sempre admirei em ambos foi esse fato de eles integrarem a cultura judaica com a alemã, esta foi uma experiência que eu nunca tinha tido, porque eu me criei na Alemanha pós-guerra e quase não havia mais judeus... E eu sei que a dona Nina, por exemplo, ela era nossa colega, mais velha que nós, e era uma pessoa que deixava [...] as luzes em cima do marido, mas ela era tão culta quanto ele, só que ela era um pouco mais retraída [...]. (BRAAZ, grifo nosso).

Nina e Herbert Caro eram representantes de outra cultura. A mesma colega, referindo-se a suas relações sociais, conclui que, sendo também alemã, compreendia-os muito bem, não os via como retraídos, mas sim um tanto reservados, pois: “não é que[...] não se queira as outras pessoas perto de si, é simplesmente que a esfera domiciliar é algo sagrado”. (BRAAZ). Mulher de seu tempo, que soube ir além dele, deixou lembranças de que:

[...] era uma mulher muito bonita [...]. Eu a conheci quando ela já tinha talvez uns 60 anos [...] mas ela era uma pessoa que se valorizava, ela pintava o cabelo, ia no instituto [de beleza] regularmente e usava batom, eu achava isso muito bonito, porque na época nem todas as mulheres dessa idade gostavam de si, e ela tinha um guarda roupa bem abastecido, tanto com roupas formais quanto roupas menos formais, algumas até coloridas. Eu me lembro que ela não era uma pessoa que andava só de preto ou azul marinho; ela era uma pessoa que usava roupas claras. Mais tarde ela ficou com um pouquinho de falta de mobilidade [...], estava ficando mais velha, mas mesmo assim [...] a elegância ela nunca esqueceu, nunca! (BRAAZ)

Sem exceção, os depoentes de origem judaica-alemã relembrou os encontros de sábados à tarde, na residência dos Caro. Era um hábito antigo, quando ainda residiam em um pequeno apartamento, com sala menor ainda, antes de se fixarem em outro bem maior. Alguns iam de vez em quando, pois “Os Caro tinham estabelecido *open house* todos os sábados....” (STRAUSS). Outra depoente relembra: “Ali quase todos os sábados a gente se reunia, a Nina oferecia tortas - em um assim chamado *jour*, porque sempre ocorria no mesmo dia ... (...) de certa forma, se reuniam também para lembrar daquilo que a gente tinha tido na Alemanha” (MEYER). Nas palavras de um amigo, tais reuniões eram um “Tipo de Salon como tinha na Alemanha (...) sábados à tarde, quem quisesse podia, ia para conversar e para conhecer uma roda que tinha uma conversa interessante e elevada”. O que levava os amigos é que “ele era uma pessoa interessante, um intelectual e ela também (...), era *open house* (...)” (S. OLIVEN). Nas lembranças de uma

freqüentadora, Nina era quem preparava as tardes de sábado, mas “(...) ela não era grande dona de casa, cozinheira nem falar. Então ela organizava para poder oferecer (chá e tortas)... nunca sabia quantas pessoas vinham...isso não era muito fácil para ela” (S. OLIVEN).

A partir de determinado momento, Nina e Herbert passaram a viajar anualmente para a Alemanha.

E na volta a Nina fazia um chá e contava das viagens, mas ela contava coisas bem diferentes dele. Ela contava as novas expressões em alemão no pós-guerra, que nós não conhecíamos. E ela gostava muito de ler os anúncios no jornal; ela contava o que agora se procurava, o que era bem pago, quem se oferecia para trabalhar, coisinhas da vida diária. Ela também falava da moda, apesar de que a moda alemã não foi copiada para o Brasil, não era considerada tão chique, mas havia mudanças e essas coisas ela contava no chá... (...). (S. OLIVEN).

Nina Caro faleceu em 1993, aos 87 anos, e nos depoimentos emerge uma imagem de pessoa discreta, porém com o reconhecimento da sua grande importância em relação a Herbert Caro, sintetizada em expressões como: “(...) o que ele era, metade era por causa da Nina (...)” (S. OLIVEN).

Depoimentos:

ABER, Marlene Haas. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 20/11/2006.

BRAAZ, Birgit. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 21/11/2006.

CARO, Nina. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 20/07/1988.

MEYER, Gertrude. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 10/11/2006.

OLIVEN, Klaus & SELDI. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 10/11/2006.

STRAUSS, Mariane. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 31/10/2006.

Notas:

¹ CARO, Nina. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 20/07/1988.

² OLIVEN, Klaus & SELDI. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 10/11/2006; STRAUSS, Mariane. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 31/10/2006; MEYER, Gertrude. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 10/11/2006.

³ BRAAZ, Birgit. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 21/11/2006; ABER, Marlene Haas. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 20/11/2006.

⁴ Pogrom (do russo *norpom*) é um ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus e outras minorias étnicas da Europa. A palavra tornou-se internacional após a onda de *pogroms* que varreu o sul da Rússia entre 1881 e 1884, causando o protesto internacional e levando à emigração maciça dos judeus. Pelo menos uma parte dos *pogroms* podem ter sido organizados ou apoiados pela *okhranka* (polícia secreta russa). Apesar de não ter sido apresentada evidência até agora, o fato da indiferença da polícia e do exército russos foram amplamente comentados, e.g., durante o primeiro pogrom de Kishinev de 1903, que durou três dias, bem como as precedentes incitações anti-semitas em artigos de jornais, uma indicação de que os *pogroms* estavam em linha com a política interna da Rússia Imperial. A Revolução Russa de 1917 e a consequente Guerra Civil Russa foram acompanhadas de vários pogroms. Por um lado, judeus ricos partilharam o destino de outras pessoas ricas da Rússia. Por outro lado, as povoações judaicas sofreram vários *pogroms* pelo Exército Branco, que viam nos judeus um ator principal do "complô judaico-bolchevique". (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pogrom>, consulta em 26/03/2007).

⁵ Cidadão emérito, honorário.

⁶ Gdansk, que na época era uma cidade independente – Freistadt – entre a Polónia e a Alemanha

⁷ O título de sua tese era: “Das Hauptproblem in den Jugendwerken von Gerhard Hauptmann” (O principal problema nas obras iniciais de Gerhard Hauptmann).

⁸ De acordo com o depoimento de Herbert Caro, quando foi para a França, começou a estudar Letras e pretendia ser professor de grego e latim num ginásio francês. Mas abandonou os estudos quando viu frustrada sua expectativa de trabalhar na França. Ele não poderia ser professor numa escola pública, porque, com o aumento do número de estrangeiros na França, foi promulgada uma lei que somente permitia a admissão como funcionário público de quem fosse naturalizado há pelo menos 10 anos. E ele não poderia lecionar em escolas particulares, sob a administração de religiosos católicos, pois elas não aceitavam judeus.

⁹ Na noite de nove de novembro de 1938 e no dia seguinte, a pretexto de vingar um atentado cometido em Paris contra o diplomata alemão Ernst vom Rath, por um jovem judeu, o governo hitlerista estimulou que seus milicianos dessem início a um colossal pogrom contra a comunidade judaica alemã. Na contabilidade dos assassinatos constavam 90 mortos e a depredação de 5.700 estabelecimentos judaicos, muitos deles completamente destruídos pelas chamas. Em Berlim, turbas de milicianos da SA assaltaram as grandes sinagogas das ruas Fasanen, Levetzow etc., incendiando-as e deixando-as quase que demolidas. Na Alemanha inteira outras 177 sinagogas foram profanadas. Este evento pode ser considerado como um ensaio do Holocausto.

(<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/holocausto.htm>, consulta em 26/03/2007).